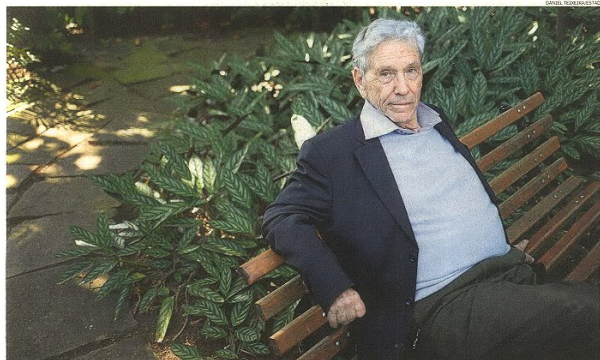


Veículo:	O Estado de S. Paulo - Sao Paulo/SP			
Edição:	...	Data:	09/07/2017	
Página:	E02	Centimetragem:	Serviço:	Clipping Paper
Classificação:	Neutro	Jornalista:		
Coluna:	Aliás			
Termo(s):	Cia das Letras			
Assunto(s):	Companhia das Letras			

Aliás, Cultura



REFLEXÕES PARA ISRAEL E PALESTINA

João Prata *

Os três ensaios de Amós Oz reunidos no livro *Mais de Uma Luz* chegam em boa hora ao Brasil. Em meio ao nosso caos político, econômico e social, as palavras do escritor israelense de 78 anos vindas do outro lado do Atlântico se encaixam perfeitamente no cotidiano conflituoso que vivemos. A identificação aparece já nas primeiras páginas.

Em *Caro Fanático*, Oz apresenta um conceito que pode muito bem explicar o motivo de a população atualmente viver à procura por salvadores da pátria e sempre ter um inimigo número um de estimação: "Quanto mais difíceis e complexas se tornam as perguntas, tanto mais cresce a avidez por respostas simples, respostas com uma única sentença, respostas que apertem sem hesitação os culpados por todos os nossos sofrimentos, respostas que nos assegurem de que, uma vez que eliminemos e exterminemos os malvados, imediatamente todos os nossos tormentos desaparecerão".

O clima de incertezas, o pensamento binário, o nós contra eles e o terreno fértil para o surgimento dos fanáticos, segundo Oz, E fanáticos não são apenas aqueles seguidores da Al-Qaeda ou do Estado Islâmico. Estes são divulgados quase que diariamente nos jornais, são facilmente identificados e servem como exemplo para o autor demonstrar que não é um pacifista: "é preciso conter a agressão usando uma grande marreta, contando que a marretada venha acompanhada de uma ideia atraente e convincente". A intolerância, no entanto, está presente na sociedade muito antes do surgimento do islamismo, do cristianismo, do judaísmo ou de qualquer outro ismo. Oz define o fanático como aquele que não é capaz de conviver com o que é diferente, que não aceita uma voz discordante.

Há graus distintos de fanatismo, é claro, e precisamos ser escalonados e analisados com a complexidade que cada um exige. Seguir um tirano sanguinário é completamente diferente de idolatrar um popstar, obviamente. No entanto, Oz encontra um ponto em comum em todos os casos: a insistência em abdicar da individualidade, de fazer parte de um grupo que vive de maneira igual e que imitam os atos dos heróis de seu culto.

A igreja, o partido político, o time de futebol, seja o que for. Furtivamente a uma multidão, sob as asas de um herói e reconfortante. E também uma maneira de infantilizar multidões e temido utilizada em busca de poder e dinheiro. Por isso, Oz acredita que a fronteira entre a política e o entretenimento está se apagando. Nas eleições, segundo ele, cada vez mais comuns as pessoas buscarem candidatos que consigam emocioná-los ou divertir, enquanto deparam de lado a liberdade de pensar, de ponderar e de refletir sobre variadas de sua opção.

O diálogo com o intuito de aguçar a curiosidade e a imaginação de um fanático é a forma proposta para tentar estabelecer vínculos. Oz cita uma história do amigo e também escritor israelense Sami Michael para exemplificar. Durante uma longa viagem de carro, o motorista viro para Sami e disse que a única solução para os judeus viverem em paz era matando todos os árabes. O escritor, então, perguntou quem é que seria o responsável pelo extermínio. O motorista respondeu de maneira genérica que os judeus de matar os árabes em um prédio dentro de seu bairro. E que, após cumprir o serviço, a caminho de casa, escutasse o choro de um bebê dentro daquele edifício: "O que fazer então? Voltar e atirar no bebê?" O motorista silenciou-se por um tempo e depois disse ao escritor: "O senhor é um homem muito cruel".

Em *Luzes e Não (UMA SÓ) Luz*, o autor analisa o judaísmo como cultura e não apenas como religião. Tenta mostrar as diferentes vertentes que existem dentro de uma mesma crença e apresenta um histórico contestador do israelense, que não poupa nem Deus de seus questionamentos. "Isso é o cerne anarquista. O gene anarquista cintilou há milhares de anos na cultura de Israel. O que se quer é justiça. Exige-se justiça até mesmo do criador do mundo." Segundo Oz, sua comunidade é um coro de muitas e diferentes vozes, uma orquestra com instrumentos variados, todos regidos num sistema de regras consensual.

Na tentativa de propor uma discussão de relacionamento de seu povo, sobrem também alfinetadas para a Igreja Católica. O autor sustenta que os judeus estabelecem debates de igual para igual e que as decisões são estabelecidas pelo povo e não por força de seu reconhecimento por cardeais que discutem entre si e não sair uma fanática brava".

No último texto, *Sonhos de que Israel Deve se Livrar Rapidamente*, Oz se posiciona de maneira firme como ativista político e dá sua opinião sobre o conflito entre Israel e Palestina. Ele rebate a extrema direita sanguinária e a esquerda pacifista, que acredita em um estado binacional. Para ele, o único meio de começar a estabelecer a paz na região é com a criação de dois estados nacionais diferentes. "Não há outra saída sendo dividida esta casa pequenina em duas residências ainda menores. Sim, um condomínio residencial para duas famílias. Se alguém, de um ou do outro lado da barricada israelense-palestina, disser: 'esta é minha terra' - ele terá razão".

O ORIENTE MÉDIO DE AMÓS OZ

ENTREVISTA

AMÓS OZ
ESCRITOR ISRAELENSE

Universitat Brail

O escritor israelense Amós Oz acredita no poder da palavra - não apenas pelo dever de ofício, mas principalmente por ter sido a principal arma disponível pelo seu povo em muitos anos de luta. Ele fundou o movimento Paz Agora, mas, antes de se definir como um pacifista, prefere ser chamado de "pacifista" ou "pacifista acredita que a guerra é o pior dos males, e que deve ser evitada a qualquer custo. Já o pacifista sustenta que o pior dos males é a agressão, e que, por vezes, dá tem que ser repelida pela força", sustenta. São argumentos como esse que inspiram os três ensaios contidos em *Mais de Uma Luz*, lançado agora pela Companhia das Letras.

Dos textos, o mais impactante é o justamento o primeiro, *Caro Fanático*, em que Oz (que significa "coragem" em hebraico) detalha a perigosa preferência dos fanáticos pelos países, lembrando que o simples fato de alguém impor uma ideia a outro, por mais inocente que seja, já é um ato perigoso. "Um fanático em um ponto de exclamação ambulante que não escuta, só fala. Um ser humano desesperado e mais interessado em você do que nele, porque não em sua própria. A síndrome deste início de século não é o choque entre maquiavelismo e cristão. Ocidente e Oriente, Europa e mundo árabe, mas sim, entre fanáticos errôs. Eles estão em todos os lugares e em todas as culturas. Vejo isso no dia a dia, quando uma pessoa quer mudar a outra para o bem dela", escreve.

Em junho, Oz esteve em São Paulo, onde participou do projeto Fronteiras do Pensamento. Durante sua passagem, conversou com o *Alfanz na Fundação Ema Kibari*, local escolhido por ele, que quer conhecer o melhor escritor montado pela imprensa e mecenas, morta em 1994. A seguir, os principais trechos da conversa.

● Qual é o trabalho de pensar o mundo, como o senhor costuma fazer em seus artigos?
Não sou especialista em nada - talvez, um especialista em especialistas. Mas observo com cuidado o que acontece, a ponto de preservar minha independência de pensamento. Talvez meu segredo seja o de olhar mais de um lado de cada problema. Sou crítico, mas não pessimista. Da me preocupar muito com a complexidade humana em geral.

● Por que o mundo está cada vez mais complicado? Quanto mais o mundo se complica, mais as pessoas se agiram a respostas simples. Uma espécie de slogan ou algo que cubra qualquer coisa de forma simplista: "isso é provocado por causa do islamismo, da globalização, da escuridão, dos patriotes". Todos têm uma resposta direta e definitiva para o que acontece com o fanatismo. A essência do fanatismo está baseada em respostas rápidas. Muitas vezes, o diagnóstico para problemas do Oriente Médio pode não funcionar para o Brasil, da mesma forma que a medicina que é útil na África seja útil também na Palestina, e assim por diante.

● É como o senhor afirma em seu livro, o eterno confronto entre o certo e o certo. Exato, todos têm razão. Isso explica, de certo modo, o conflito entre Israel e Palestina: o combate entre o certo e o certo. Nos últimos anos, tomou o embate entre injunções. Essa é a definição de nossa tragédia. Nos filmes de faroeste de Hollywood, há sempre uma divisão clara entre os mocinhos e os vilões e algumas pes-

soas, incluindo intelectuais, seguem o mesmo raciocínio ao apontar, no conflito entre israelenses e palestinos, quem é o vilão e quem é o protagonista. Como se isso fosse fácil, como se mundo se passasse com um filme hollywoodiano. Não é assim. Conflitos anteriores eram analisados pelo relativismo, ou seja, eram até fáceis de se entender, como a Guerra do Vietnã, o apartheid, colonialismo, mas o mesmo não acontece com o conflito entre palestinos e israelenses.

● O senhor acredita no poder da palavra?
Como não acreditar se são apenas de palavras que disponho? Também era o que tiveram os judeus durante centenas de anos, época em que viviam sem armas, sem exército, sem sua terra, apenas com a força de sua palavra. Acredito que as palavras podem ajudar, mas não acredito em fórmulas para resolução. Não acredito em salvação, mas em soluções pensadas.

● Muitos dos líderes mundiais de hoje são contestados mundialmente, como Trump e Putin, para ficar em apenas dois. O que o senhor diz disso?
Sim, entendo o que você quer dizer, mas lembro que nasci em uma época em que o mundo era controlado por Hitler, Mussolini, Franco, Stalin. Impossível de se esquecer. Há diferentes graus de maldade. E um dos piores erros morais é colorar todos os tipos de maldade num mesmo esto. É o que fazem intelectuais preguiçosos, para quem capitalismo, socialismo, globalização, todos estão também num mesmo esto. Há diferentes variações, é necessário que isso seja notado. O que me preocupa é que isso também mortifica muitas pessoas em uma eleição, pois distinguem apenas o melhor e o pior candidato.

● E o que dizer do governo de Barack Obama?
Bem, ele causou menos estragos que seus antecessores. Obama colocou a economia dos EUA e mesmo a do mundo em um certo controle - lutando contra a crise criada por outros governantes. Também evitou promover guerras, ao ponto que, durante seu governo, houve uma expressiva queda no número de covas sendo abertas para soldados ante a administração Clinton ou Bush. Seu sistema de saúde era imperfeito, mas ainda assim uma opção melhor que a disponível para os americanos. Sofria, ainda que marcada por vários defeitos, acredito que Obama foi um dos melhores administradores do mundo nos últimos anos.

ACREDITO QUE AS PALAVRAS PODEM AJUDAR, MAS NÃO ACREDITO EM FÓRMULAS PARA A RESOLUÇÃO. NÃO ACREDITO EM SALVAÇÃO, MAS EM SOLUÇÕES PENSADAS.

Amós Oz
AUTOR DOS LIVROS MAIS DE UMA LUZ, JUDAS E COMO CUMAR UM FANÁTICO



Paz. Esculturas em uma área ocupada por Israel na guerra de 1967, na qual Amós Oz lutou

* JORNALISTA